

**A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO E
POSSÍVEIS CAMINHOS PARA UM OUTRO TURISMO
PEDAGÓGICO: o caso do Museu Histórico de São Vicente-RN, Brasil**

*THE SAFEGUARDING OF ARCHAEOLOGICAL HERITAGE AND POSSIBLE
PATHS TO ANOTHER PEDAGOGICAL TOURISM: the case of the Historical
Museum of São Vicente-RN, Brazil*

Wagner Araújo Oliveira*
Rafaela Cláudia dos Santos**

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo central apresentar as principais ações contributivas do Museu Histórico de São Vicente (MHSV) para a salvaguarda do patrimônio arqueológico, contribuindo para o fomento de um outro turismo pedagógico. A pesquisa possui uma abordagem qualitativa e de caráter exploratório e descritiva. Quanto ao plano de coleta de dados, foi realizada a pesquisa bibliográfica, bem como visita *in loco*, realização de entrevistas com gestores e a técnica de análise utilizada foi a descritiva. O MHSV tem como propósito contribuir com a salvaguarda da memória e história oral, a valorização da arte e da cultura e a difusão do patrimônio cultural, material e imaterial do município, além disso, tem associado suas atividades com a prática do turismo pedagógico promovendo ações educativas elucidando a importância do fortalecimento da salvaguarda do patrimônio arqueológico.

Palavras-chave: patrimônio arqueológico; turismo pedagógico; Museu Histórico de São Vicente.

Abstract: The main objective of this work is to present the main contributory actions of the São Vicente Historical Museum (MHSV) for the safeguarding of the archaeological heritage, contributing to the promotion of another pedagogical tourism. The research has a qualitative approach with an exploratory and descriptive character. As for the data collection plan, bibliographic research was carried out, as well as an on-site visit, interviews with managers and the technique of analysis used was descriptive. The MHSV, whose purpose is to contribute to the safeguarding of memory and oral history, the appreciation of art and culture and the dissemination of the cultural, material and immaterial heritage of the municipality, in addition, has associated its activities with the practice of pedagogical tourism promoting educational actions elucidating the importance of strengthening the safeguarding of the archaeological heritage.

Keywords: archaeological heritage; pedagogical tourism; Historical Museum of São Vicente.

1 Introdução

O cerne da discussão acerca do turismo pedagógico, ou turismo educativo, parte do entendimento que esta atividade vem sendo apontada como importante mecanismo facilitador do processo ensino-aprendizagem, e esta prática de viagens de estudo ocorrem

* Doutorando e Mestre em Turismo pelo Programa de Pós-graduação em Turismo PPGTURUFRN. Graduado em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Especialista em Gestão Ambiental pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. E-mail: wagner.araujo.098@ufrn.edu.br.

** Bacharela em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela mesma instituição de ensino. Pós-graduação em Docência no Ensino Superior pela UNP. Mestranda pelo programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem PPCLUERN. E-mail: rafaelaclaudiasan@gmail.com.

desde o século XVII, inicialmente praticadas por jovens aristocratas ingleses às principais cidades europeias, à época chamadas de *Grand Tour* (LOURENÇO, 2019).

Nesse contexto, os museus são espaços que proporcionam a proteção dos aspectos culturais, além disso, por estarem relacionados ao patrimônio cultural possuem caráter pedagógico, uma vez que, são lugares detentores de memórias singulares, bem como espaços de promoção do conhecimento. Portanto, o amplo campo de atuação do museu tem sua relevância para a comunidade, para o turismo e a educação, sendo assim, há de convir que sua inserção no âmbito educacional permite o enriquecimento do conhecimento do alunado e visitantes.

Portanto, o aprofundamento dos estudos relacionados com o turismo e museus tem se revelado importante, de modo que os museus têm assumido um papel de destaque no segmento turístico, pois possibilita às instituições museológicas condições de atrair ainda mais visitantes, aprimorando a exploração dos museus como serviços turísticos (BAUER; SOHN; OLIVEIRA, 2019).

Diante do exposto, a questão norteadora do presente trabalho é: Como as ações do Museu Histórico de São Vicente (MHSV) podem contribuir para a promoção da salvaguarda do patrimônio arqueológico, bem como, para o fomento de um outro turismo pedagógico?

Nesse sentido, o estudo busca evidenciar e identificar dentro das diversas possibilidades em que os museus no tocante a desenvolver ações para a promoção da preservação, bem como, trazer à tona a relação intrínseca e proeminente entre esses espaços e o turismo pedagógico. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo central apresentar as principais ações contributivas do MHSV para a salvaguarda do patrimônio arqueológico contribuindo para o fomento de um outro turismo pedagógico.

Em relação à estrutura do trabalho, este está dividido em cinco seções, além desta introdução, a primeira seção apresenta a revisão bibliográfica que debruça sobre os temas principais deste estudo, a saber: turismo, educação patrimonial, patrimônio arqueológico e turismo pedagógico. Em seguida tem-se a seção do percurso metodológico onde é apresentado as etapas, métodos, instrumentos de coleta e as técnicas de análise de dados utilizados para o desenvolvimento da pesquisa, logo, vem a seção da apresentação dos principais resultados e discussão, seguida das considerações finais, e por fim as referências bibliográficas.

2 Metodologia

Para a elaboração do presente estudo, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, por meio da consulta de periódicos, teses e dissertações nacionais e internacionais disponíveis no portal dos periódicos Capes e Google Acadêmico. Para a realização da busca, utilizaram-se os termos/eixos alinhados à temática da pesquisa, como: turismo pedagógico, educação patrimonial, patrimônio arqueológico e preservação.

De acordo com os eixos definidos anteriormente, foi feita a definição das palavras-chaves, com dois tipos de idiomas distintos, a saber: português e inglês. O arco temporal das publicações foi dos últimos 10 anos. A busca foi feita com as palavras combinadas e de forma simples, e como mecanismo de otimizar a busca foi utilizado asterisco (*) e uso de aspas nas palavras.

A pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, quanto à abordagem, fez-se o uso da análise qualitativa, que segundo Minayo (2010), permite uma mediação entre o marco teórico-metodológico e a realidade empírica. Dessa forma, esta pesquisa tem como objeto empírico o Museu Histórico de São Vicente (RN).

No que se refere ao plano de coleta de dados, foi realizada a visita *in loco*, onde foi possível fazer observações e anotações sobre o local, bem como permitiu realizar os registros fotográficos. Na oportunidade, foram feitas entrevistas em profundidade com os gestores do Museu Histórico de São Vicente (RN), esta foi realizada partir de um roteiro semiestruturado com perguntas abertas direcionadas a saber sobre os temas: histórico e objetivo do museu, as principais ações de preservação do patrimônio, as ações direcionadas ao cunho educativo e pedagógico e demais temas livres. Esta etapa consistiu em uma conversa dirigida por meio de um processo de interação entre um ou mais interlocutores e com roteiro semiestruturado (GLESNE, 2015).

Por fim, para a etapa de análise e interpretação dos dados, a técnica de análise utilizada foi a descritiva e de conteúdo, onde permitiu organizar, resumir e descrever os aspectos importantes sobre o objeto investigado visando atingir o objetivo do presente estudo. Contou também com a análise de conteúdo, que de acordo com Bardin (2009) a análise de conteúdo, enquanto método torna-se um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

3 Educação patrimonial, turismo e a missão de salvaguardar o patrimônio arqueológico

Cada dia mais é provada a importância da educação patrimonial para a salvaguarda do patrimônio arqueológico, ao falarmos do turismo envolvendo às questões arqueológicas, a educação patrimonial torna-se ainda mais necessária.

Na atualidade, diversos destinos turísticos que incluem em seus roteiros as visitas a sítios arqueológicos estão sofrendo com a depredação dessas áreas, sobretudo com a pichação das pinturas rupestres e a descaracterização desses importantes patrimônios. Desse modo, o que ocorre é a destruição parcial de louváveis atrativos arqueológicos, causando uma perda para a humanidade. Tudo isso ocorre, sobretudo, advindo da visitação desordenada e sem aplicação de ações efetivas de educação patrimonial (BBC, 2015). De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), por meio do Guia Básico da Educação Patrimonial:

[...] o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural (HORTA; GRUNBERG, 1999, p. 4).

É preciso que as pessoas, desde a infância, comecem a ter uma noção da importância do patrimônio arqueológico, para conseguir contar com cidadãos cientes de suas histórias e guardiões desses locais que contam a trajetória da humanidade, com isso, contribuir para uma perpetuação desses locais pré-históricos e históricos às futuras gerações (HORTA; GRUNBERG, 1999).

A educação patrimonial abarca os processos educacionais formais e, também não formais, tendo como princípio basilar o Patrimônio Cultural, ressaltando-se que os processos educacionais devem ser constituídos de forma coletiva, de modo a serem efetivamente democráticos. Orienta-se que deve ser estabelecido um diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais, tendo em vista que são eles próprios os detentores e produtores de referências culturais que convivem mutuamente. Assim, esse processo educativo deve instigar a aproximação entre os entes envolvidos, para que eles se sintam realmente considerados e participem como atores e não apenas como receptores, somente assim, será possível efetivar a valorização, reconhecimento e preservação dos Patrimônios Culturais (FLORÊNCIO, 2014).

De acordo com Chagas (2006), não se pode dissociar educação e patrimônio, o patrimônio está entrelaçado de forma implícita à educação. De maneira que se tornaria até redundante falar educação patrimonial, no entanto tal expressão ganhou popularidade e é bastante trabalhada e estudada em diversos campos do patrimônio, dos museus, e das instituições educacionais. A educação patrimonial é de suma importância porque promove a interação e o protagonismo social a respeito da participação na preservação do patrimônio cultural (CARVALHO, 2021).

Trabalhar a educação patrimonial dentro dos museus é saber lançar um olhar crítico, problematizar determinados usos, é entender que “a educação, o museu e o patrimônio são campos de tensão e de devoção, mas também são pontes, práticas e dispositivos que provocam sonhos.” (CHAGAS, 2006, p. 6).

É preciso entender que a educação patrimonial é necessária para a manutenção e salvaguarda dos nossos patrimônios, em especial, o patrimônio arqueológico. Fomentar um turismo sustentável, com base em premissas de educação patrimonial e indicar os caminhos e meios corretos de se fazer uma visita adequada a espaços arqueológicos, é o caminho necessário para a proteção dos referidos locais, pois ao fazer uma visita a um sítio arqueológico sem orientação de condutas a serem respeitadas no referido espaço, pode ocasionar danos nunca mais reversíveis (CARVALHO, 2021; MENESES, 2004).

Alerta-se sobre os modos adequados que devem ser realizadas às visitas nos sítios arqueológicos e os impactos negativos de visitas desordenadas, haja vista, considerar a vulnerabilidade das áreas, pois possuem vestígios históricos e pré-históricos, de muitos anos (DIAS; RODRIGUES, 2015). Logo, a educação patrimonial surge como forma de solucionar problemas em relação aos comportamentos inadequados nos espaços referidos, tais como: molhar pinturas rupestres ou retirar algum material arqueológico e levar para casa (MENESES, 2004).

Dependendo de como estão ou irão ocorrer às visitas nessas áreas é possível que se deseje replanejar e repensar atividades de educação patrimonial que possam proporcionar visitas a espaços que tratem do patrimônio arqueológico sem, necessariamente, precisar envolver o deslocamento de pessoas para o local dos sítios. É nesse ponto que se demarca o entendimento de que um outro turismo pedagógico é possível. O ‘outro’, neste caso, se refere a maneira, quase não utilizada, de tratar de ferramentas que possibilitem o contato e visita

do patrimônio arqueológico, sem necessariamente, os visitantes e turistas precisarem se deslocar para esses espaços (BBC, 2015; DIAS; RODRIGUES, 2015).

Salvaguardar os sítios arqueológicos é uma missão que abarca toda a humanidade, pois é direito e dever de todos os cidadãos, garantir às futuras gerações os conhecimentos necessários sobre suas ancestralidades. Assim, contar com instituições que auxiliam nesse processo é fundamental dentro da nossa sociedade.

O educativo de museus consegue abarcar diversas atividades em torno da educação patrimonial. Elas tratam da valorização dos sítios arqueológicos e da importância de sua salvaguarda, por meio de atividades diversas, abarcando oficinas de confecção de réplicas com os visitantes no espaço do museu, explicando o ambiente dos sítios arqueológicos os materiais que eram utilizados para fabricação das pinturas, dentre outras.

Faz-se importante a busca por atividades e dinâmicas que possibilitem o visitante fazer uma viagem no tempo e observar o cuidado com a natureza e o manejo que os grupos indígenas têm/tinham com a terra, com nosso planeta. A partir disso, comparar com as atividades nocivas que se protagonizam hoje, com a produção excessiva de lixo pela sociedade, que a natureza não consegue suportar.

As ações entre educação patrimonial e ambiental se cruzam e não há como dissociá-las. Lembrando que quando o visitante tem a oportunidade de participar de alguma atividade de educação patrimonial e ambiental antes de visitar áreas de sítios arqueológicos, por exemplo, eles já irão munidos da sensibilização e cuidado com suas práticas no ambiente em que estão se inserindo.

Torna-se necessário normalizar a possibilidade de um outro turismo pedagógico, isto é, as pessoas primeiro precisam conhecer a importância dos locais, a necessidade de respeitá-los antes de irem visitar e, pois, se isso não ocorre, o público visitante, infelizmente, acaba praticando alguma conduta desviante, ocasionando impactos negativos ao ambiente. É um pouco mais sobre isso que será tratado no tópico seguinte.

3.1 Um olhar sobre um outro turismo pedagógico e o papel dos museus

O turismo pedagógico estabelece uma relação entre os termos pedagogia e turismo, pois a “condução”, que a pedagogia carrega em sua definição, aliada às ações

previstas do pedagogo que como um mestre, preceptor ou guia, instaura posturas de interação entre seus conduzidos e o contexto explorado durante o “tour” (FERNANDES, 2016).

Diversos autores se debruçam acerca do conceito de turismo pedagógico, inicialmente, pode fazer alusão ao conceito da Organização Mundial do Turismo (OMT), que define como todo turismo pode ser educativo à medida que, de antemão, todo turista aprenda sobre os diversos aspectos que o destino lhe oferece ao interagir com os diferentes atores participantes do processo. Porém, o aspecto pedagógico (ou educativo) não se aplica às modalidades, na qual a pessoa aprende por si só. Assim, para serem considerados como turismo pedagógico, é necessário que a configuração dos roteiros turísticos sejam voltados para locais históricos, culturais ou científicos importantes e muitas vezes coordenados por um professor especializado (OMT, 2003).

Portanto, o turismo pedagógico é compreendido por Ansarah (2001), como uma atividade extraclasse, organizada pelas escolas com colaboração de empresas especializadas, e vivenciadas pelos alunos como forma de complemento de um conhecimento abordado em sala de aula, envolvendo deslocamentos e/ou viagens de maneira prazerosa. Dessa maneira, o turismo pedagógico se configura como uma ferramenta educacional que promove a interdisciplinaridade, de modo a garantir a inter-relação entre as disciplinas e também a interação entre ciência e ser humano.

Em uma abordagem mais recente, Lourenço (2019) afirma que o turismo pedagógico, também reconhecido como visita técnica, viagens de estudos ou aula-passeio, além de ser apontado como prática inovadora mostra-se instrumento frequente em várias instituições de ensino particulares e públicas. O autor ainda acrescenta que o turismo pedagógico representa a oportunidade de explorar a relação homem-espaço nas mais variadas perspectivas de análise do conhecimento humano de forma interativa, prazerosa e multidisciplinar, trazendo consigo a eminente possibilidade de preservação do patrimônio natural e cultural dos locais visitados.

Já conforme Cardoso e Gattiboni (2015, p. 87), “o turismo pedagógico visa tornar significativas as aprendizagens escolares.” Dessa forma, propõe-se tratar de um outro turismo pedagógico, na medida que atrela as aprendizagens pedagógicas com as experiências que os turistas podem agregar, tornando-se não só sujeitos passivos, mas também ativos no processo de troca de conhecimentos.

Enquanto Facin *et al.* (2020) elucidam que o turismo pedagógico é uma importante alternativa didático-pedagógica para consolidar e ampliar o conhecimento dos alunos, pois possibilita vivenciar os temas abordados em sala de aula em outros ambientes. Além disso, proporciona uma experiência tanto de lazer quanto de aprendizagem, promovendo o contato entre as pessoas e o ambiente. A viagem deve estar conjugada com as atividades de ensino, e ter objetivos claros e a possibilidade de avaliação dos alunos no processo de ensino. O turismo pedagógico também oferece uma abordagem interdisciplinar, sendo assim uma excelente alternativa de currículo integrado.

O “outro” no caso do turismo pedagógico em questão é tratado neste estudo como um termo filosófico e forma de aprofundar o trato com o turismo pedagógico, isto é, demonstrar que existem atividades pedagógicas/educativas que podem ser aplicadas nas áreas visitadas que muitas vezes não são pensadas e aplicadas, é o caso das atividades de visita aos museus com atividade de educação patrimonial que levam às pessoas a visitarem os sítios arqueológicos sem necessitarem realizar o deslocamento para a área física dos sítios. O comum é realizar atividades, no caso do turismo pedagógico que envolvem a arqueologia, nos locais físicos dos sítios arqueológicos, acreditando que apenas com a visita in loco nos sítios é que seria possível está praticando uma atividade de cunho pedagógico.

A proposta de um outro turismo pedagógico aproxima-se, de maneira mais expressa, onde é possível que turistas tenham experiências de viagens com maior intensidade e com mais resultados significativos. Possibilitando um acesso a troca de experiências e vivências com relação a campos do saber que, por vezes, eram invisibilizados, ou tratados de forma superficial, como é o caso da educação patrimonial. Nesse sentido, os autores destacam um ponto importante que agrega valor ao turismo pedagógico que é o prazer de fazê-la, isto é, a aprendizagem torna-se muito mais fluida e dinâmica. Sendo assim, vivenciar o conhecimento faz com que o educando vincule a aprendizagem ao seu cotidiano, fazendo ligações desses saberes com sua vida (CARDOSO; GATTIBONI, 2015; PEREIRA; NASCIMENTO, 2019).

A formação ampliará a sensibilidade, o reconhecimento, a experiência, fazendo com que se crie um repertório cultural. Nessa perspectiva, turismo pedagógico oportuniza explorar a relação homem-espaço, nas mais variadas perspectivas de análise do conhecimento humano (geográfico, físico, biológico, ecológico, social, etc.) de forma interativa, divertida e

multidisciplinar, emprestando o olhar crítico do turismo, em situações cotidianas de viagens técnicas (LOUZEIRO, 2019).

A de considerar que o turismo pedagógico possibilita que o processo de ensino e aprendizagem garanta a ampliação da interdisciplinaridade por meio de uma abordagem de um conjunto de conteúdos diversificados, promovendo a construção de um repertório cultural multifacetado. Sendo assim, esta prática objetiva que o público-alvo visualize o atrativo turístico como um espaço de adquirir conhecimento de modo a interagir com esse ambiente, podendo assim estimular o sentimento de pertencimento em relação aos elementos que estão inter-relacionados com o espaço (FERNANDES, 2016).

Portanto, o turismo pedagógico busca elucidar a importância das atividades de educação para a manutenção de um turismo sustentável, que busca manter e salvaguardar o atrativo, que, em sua grande maioria, é negligenciado. Acredita-se, por meio dos aspectos pedagógicos, ser possível, por exemplo, visitar uma área de um sítio arqueológico dentro do local de um museu, sem precisar se deslocar para o local físico do sítio, ou mesmo, ao chegar a visitar uma área de um sítio arqueológico, que os turistas já tenham tido um diálogo interativo e educativo sobre o espaço, sobre sua importância e as condutas adequadas. Desse modo, mostra como as atividades pedagógicas em museus são essenciais para a manutenção de atrativos de relevância singular para os turistas e para as novas gerações (PEREIRA; NASCIMENTO, 2019).

É possível considerar que o turismo pedagógico se realiza na medida em que possibilita ao visitante/turista vivência de uma “aula” ou de certo modo orientações de como se deve proceder no atrativo visitado, sobretudo quando se tratar de sítios arqueológicos. É necessário também proporcionar o entendimento acerca da importância deles para humanidade, bem como o porquê é preciso que os seres estejam e sejam conscientes da preocupação, enquanto turistas, no que se refere ao comportamento em determinadas áreas consideradas relevantes e frágeis, como é o caso dos sítios arqueológicos.

Dessarte, promover turismo pedagógico é aproximar os turistas dos atrativos, é possibilitar sentido aquela visita, é conseguir proporcionar uma experiência muito mais enriquecedora, da qual o turista vai fazer uma volta para si mesmo e para suas ações para com o meio em que vive. Desse modo, o turismo pode ser uma atividade efetivamente sustentável, mas para isso, tem que estar atrelado à educação, seja considerando o patrimônio arqueológico ou qualquer outro, a educação é a base para experiências exitosas.

Em se tratar do turismo pedagógico é necessário falar acerca do papel dos museus dentro dessa temática, pois os museus são por excelência equipamentos educativos, além da elevada produtividade como equipamentos turísticos. Dessa forma, o conceito de museu, que segundo a definição da International Council of Museums Portugal (2015), define que o museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação.

No que tange a relação entre turismo e museus segundo Gonçalves (2009) no atual contexto da sociedade global esses dois conceitos são relacionáveis ou até interdependentes na medida em que podem potencializar a atração do público turista, contribuindo para o debate do papel dos equipamentos culturais numa sociedade da informação e do lazer. Além disso, considera a possibilidade dos museus se constituírem como fator diferenciador da oferta e da atração turística e dinamizadores do tecido econômico e cultural.

Os museus, como qualquer instituição que preza pela interatividade, diálogo, conhecimento, educação e dinâmica, buscam apresentar para os seus visitantes informações sobre o seu acervo e sobre as atividades culturais que desenvolvem, apresentando-se cada vez mais interativos e inovadores (PUJOL-TOST, 2011).

No turismo, nota-se que os museus conservam e preservam parte de nossa história, sendo assim, esse tipo de instituição pode utilizar-se de seu patrimônio para atrair diferentes fluxos de turistas interessados em pesquisar as características específicas de diferentes acervos expostos em nossos museus. Além disso, há de considerar que o museu desempenha com a finalidade de contribuir para o despertar da consciência do indivíduo em relação ao patrimônio do qual é herdeiro e do seu potencial em termos de ensino e aprendizagem (VASCONCELLOS, 2006).

Há de se considerar que a discussão apresentada sinaliza a importância que os museus têm em integrar a oferta turística de um determinado destino, de modo a proporcionar aos visitantes interatividade, autenticidade, experiências multissensoriais e envolvimento emocional (KLOTTER; KLOTTER, 2018). Portanto, os museus têm a capacidade de oferecer experiências, ideias e satisfações que não se encontram em outros lugares nos locais que visita.

4 Resultados e discussão

4.1 Museu Histórico de São Vicente, RN

O MHSV é uma instituição museal localizada no município de São Vicente, no interior do Rio Grande do Norte. Tal instituição adota como visão ser o equipamento cultural e educacional representativo da história, arte e cultura que orgulha os moradores e visitantes com ações para melhoria do desenvolvimento social do município.

O referido museu iniciou seus trabalhos em 2019, buscando estabelecer parceria com a Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN) por meio do Museu Câmara Cascudo (MCC/UFRN) e o Departamento de Antropologia que logo se expandiu para abarcar o Museu do Seridó e o Mestrado em História dos Sertões, também da UFRN. Além das instituições museais circunvizinhas, como é o caso do Museu Histórico de Acari, RN.

Inicialmente, com o auxílio dos profissionais do MCC/UFRN, o MHSV convidou diversos artistas, agentes culturais, estudantes e educadores para comporem um grupo de voluntários para colaborarem com o desenvolvimento da temática que se propõe a tratar da história, da arte, da cultura e da memória do povo vicentino da qual o museu do município de São Vicente precisaria e desejaria.

A partir disso, foi gestada uma ideia de museu de território, isto é, uma instituição que desenvolve diversos trabalhos com a comunidade e que não se limita ao espaço físico do prédio do museu. Assim, foram pensadas ações para quatro territórios conceituais, subdivididos em categorias que contemplariam a ideia de museu que os gestores e agentes desejavam e que a estrutura física (na época já pronta) comportasse. Sendo os territórios conceituais denominados de: (re)lembrar (recepção e o corredor), (re)encontrar (Sala 1), (re)conhecer (sala 2 e 3) e o (re)criar (sala multiuso e beco cultural).

Frente a isso, como uma das primeiras ações realizadas, foi a capacitação dos voluntários do MHSV, ou seja, os agentes culturais e diversos membros da sociedade civil que foram citados acima, com o auxílio dos profissionais do MCC para aplicação do Inventário das Referências Culturais, com intuito de catalogar os bens culturais que o município possui e com isso compor o acervo do museu, que trata-se de um acervo operacional, isto é, não são adquiridos acervos físicos de permanência própria do museu, são

incluídas as referências culturais de modo a promover um acervo vivo, com uma dinâmica que permita que o museu consiga trabalhar com diversos aspectos da cultura e memórias locais, além de permitir romper com ideais tradicionais e ultrapassado de museus (SANTOS, 2018).

Dentro das atividades desenvolvidas pelos MHSV estão exposições temporárias que são desenvolvidas pelo próprio museu ou advindas de exposições itinerantes de outras instituições, sobretudo, do Museu Câmara Cascudo da UFRN. No caso do acervo físico, podem ser utilizados por meio de empréstimos conforme a necessidade do museu, mas o MHSV não funciona, atualmente, como instituição de guarda.

Retomando o inventário participativo que foi realizado pelo museu com a ajuda dos voluntários e que compõe o acervo da instituição em questão, foi possível identificar o quão importante e vasto é o patrimônio cultural de São Vicente, RN, pois foram identificados mais de cem bens dentro das categorias de patrimônio material e imaterial. O MHSV se propõe a ser um equipamento cultural que possibilita ser limiar pela qual os visitantes e turistas têm a possibilidade de conhecer a cultura que São Vicente, RN oferece e ficar com o desejo de ir a campo, conhecer os artistas pessoalmente, além do cenário paisagístico e de diversos locais de memória que o lugar agrega. Nessa perspectiva, o museu é a instituição que pode possibilitar o fomento para o turismo, uma vez que visitantes e turistas virem ao município e não conhecerem os diversos locais que a mesma oferta, pela simples falta de informação, de conhecimento sobre os atrativos.

O MHSV utiliza-se da narrativa de um museu que serve para a vida e busca explicar que a aludida instituição museal não se restringe apenas às quatro paredes, isto é, ao prédio físico do museu. Muito pelo contrário, ao visitar a Rua Velha, o Galego cachimbeiro, o Rio Luíza, a Capelinha dos três Anjinhos, as pessoas estão também visitando e conhecendo de forma mais aprofundada o museu, porque esses lugares são exatamente os bens culturais que fazem parte do acervo vivo que foi inventariado no ano de 2019.

Diversas ações foram executadas pelo MHSV, além do inventário cultural, foram idealizadas e realizadas semanas culturais, exposições dos artistas vicentinos, mostras vindas de instituições parceiras como a exposição sobre os fósseis do MCC/UFRN, a exposição “toda mulher é em essência resistência” da artista curraisnovense Luma Carvalho, além de semana de museus, primavera de museus e do Trilhas Potiguares (programa da UFRN que desenvolveu suas atividades em torno do Museu, como ação de educação patrimonial,

oficinas de meio ambiente, entre outras), para apoiar os artistas na pandemia e no momento de retomada gradual das atividades.

Algumas mostras e oficinas foram realizadas no MHSV, como: oficina de maquiagem artística, exposição sobre a história do crochê, exposição de artes plásticas sobre as cores juninas, além da exposição que retomava a origem do povoamento por meio de esculturas. Mais recentemente a instituição museal em questão realizou uma exposição intitulada “Luíza: histórias e memórias na Serra de Santana” em parceria com o coletivo Museu Comunitário Quixabeira, que se trata de um ponto de memória que os voluntários do Museu Histórico instituíram dentro do prédio do referido museu municipal e também do Departamento de Antropologia da UFRN.

No ano de 2020¹, ao inscrever as ações realizadas pelo MHSV na 33ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, o referido veio a ser contemplado com o aludido prêmio, inédito para o Rio Grande do Norte, tal premiação é nacional e é promovido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Dessa forma, o MHSV passou pela seleção regional e depois pela seleção nacional, competindo com ações do Brasil, é interessante frisar que nunca nenhuma ação do Rio Grande do Norte tinha sido contemplada, além do reconhecimento a nível nacional, o museu ainda recebeu um recurso no valor de 20 mil reais para investimentos na instituição.

Deve-se ressaltar que — o Museu em questão — presa pelo trabalho conjunto em parceria, além do trabalho colaborativo com instituições como a Universidade Federal do Rio Grande do Norte a instituição e efetiva colaboração com as secretarias municipais, como a de Educação (já que faz parte da mesma), a de Agricultura e a de Assistência social.

Fruto da parceria do MHSV com o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) (órgão gerido pela Secretaria de Assistência Social) ressalta-se às atividades desenvolvidas com o Núcleo de Cidadania dos Adolescentes (NUCA), recentemente foram realizadas: “Roda de conversa sobre o dia da consciência negra”, e visita à exposição “Luíza: histórias e memórias indígenas na Serra de Santana”, nesta última, tiveram a oportunidade de dialogar sobre a escravidão indígena e negra no Brasil.

No ano de 2021, com a retomada gradual das atividades presenciais, foi possível planejar, realizar a curadoria compartilhada e executar a exposição “Luíza: histórias e

¹ <https://www.gov.br/iphan/pt-br/assuntos/noticias/um-museu-que-serve-para-a-vida-no-rio-grande-do-norte>

memórias indígenas na Serra de Santana” com a união do coletivo Museu Comunitário Quixabeira além do apoio do Departamento de Antropologia da UFRN e do Mestrado em História dos Sertões. Como pode ser visto na imagem a seguir, na ocasião alguns dos componentes do MHSV e do Museu Comunitário Quixabeira estão reunidos para discutir a curadoria da exposição, isto é, o acervo o discurso expográfico e tudo que vai ser incluso na exposição em questão (Foto 1).

Foto 1 – Planejamento da exposição



Fonte: Acervo Museu Histórico de São Vicente, RN (2021)

A aludida exposição trata da temática indígena e prioriza a educação patrimonial para sensibilizar as pessoas da importância do patrimônio arqueológico, do afincado com nossa ancestralidade e valorização das memórias e histórias locais e regionais, tendo como principal público o pedagógico, alunos dos mais variados níveis de ensino. A exposição é uma verdadeira interatividade, onde é possível dialogar sobre questões por muito tempo invisibilizadas em nossa sociedade.

Ainda sobre a referida exposição, o museu buscou trazer o ambiente dos sítios arqueológicos de São Vicente, RN para dentro de seu espaço, de modo a proporcionar uma experiência diferenciada, para que o público conhecesse os sítios arqueológicos de São Vicente e da sua importância, sem precisar visitar *in loco* os aludidos sítios. Assim, entende-se tal ação como pertencente a modalidade de um “outro turismo pedagógico”, pelo seu feito de protagonismo e importância.

Como parte das ações executadas pela referida exposição de Luíza, foi possível realizar a inscrição na 8ª Edição do Prêmio Darcy Ribeiro, que consiste na premiação de práticas e ações de educação museal, tal premiação é organizada pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) trata-se de uma premiação nacional onde apenas 10 iniciativas são premiadas.

O museu foi contemplado com mais uma premiação, sendo pelo IBRAM². Entre as dez ações premiadas, o MHSV ganha em terceiro lugar como uma das ações de educação museal mais reconhecida em nível de Brasil, no ano de 2021. A premiação possibilitou o fomento de 10 mil reais para ser aplicado na continuação das atividades da ação vencedora, no caso do Museu de São Vicente, na continuação de atividades em torno da exposição de Luíza (temática indígena).

4.2 Principais ações para um outro turismo pedagógico

O turismo pedagógico, como já citado anteriormente, é fundamental para o desenvolvimento de um turismo sustentável e que agrega valor ao produto turístico de modo a proporcionar ao turista e morador a possibilidade de compreender melhor os atrativos de uma localidade, o porquê de preservar sua existência, além de buscar refletir sobre as ações e interações humanas com o meio.

Entende-se que a educação é a base para qualquer atividade, logo, verificou-se as principais ações que o Museu de São Vicente/RN desenvolveu (e desenvolve) para conseguir o êxito nas ações de um outro turismo pedagógico, como uma possibilidade de inovar no setor citado (CARDOSO; GATTIBONI, 2015).

O MHSV promove ações em parceria com outras instituições que tratam da educação ambiental e da educação patrimonial. Quanto a primeira, citam-se oficinas realizadas nas escolas do município de São Vicente, RN, em julho de 2019, com parceria dos discentes de graduação em ciências biológicas do programa de extensão Trilhas Potiguares (UFRN).

²Disponível em: https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/fomento-e-financiamento/editais-de-fomentos-e-financiamento/editais2021/EDITALN118_2021resultadofinaldoEditaldeConcurson80_2021PrmioDarcyRibeiro2021EDITALN118_2021resultadofinaldoEditaldeConcurson80_2021PrmioDarcyRibeiro2021DOUImprensaNacional.pdf

A segunda, ações relacionadas à educação patrimonial, acontecem de forma contínua no museu ou quando o museu vai às escolas. Também não se pode deixar de mencionar as programações remotas promovidas pelo museu em torno da temática do artesanato sustentável e da educação patrimonial³ para promoção de visitas sustentáveis em áreas de sítios arqueológicos.

As ações de maiores relevâncias envoltas do turismo pedagógico, sem dúvidas, são a didática e dinâmica empregadas na exposição “Luíza: histórias e memórias indígenas na Serra de Santana”, que se bifurcou no curso de extensão “Memórias indígenas do Seridó e do Sertão”, em parceria com o Departamento de Antropologia e o Mestrado em História dos Sertões da UFRN. As ações desenvolvidas nessa exposição evidenciavam como a referida instituição conseguiu articular uma metodologia diferenciada e com ações efetivas de educação patrimonial.

Nessa linha de raciocínio, foi montado no MHSV um circuito que retratava os sítios arqueológicos por meio de painéis simples, mas de representatividade significativa, identificando e expondo estes sítios existentes no município ao mesmo tempo que mostrava os povos que viveram centenas de anos atrás e que contribuíram para o enriquecimento da cultura local. Assim conforme a visita acontecia, os discentes conheciam e dialogavam sobre a exposição, buscando resgatar memórias e histórias que eles tinham conhecimento.

Um ambiente pedagógico diferenciado foi montado no museu, causando sensações inéditas aos visitantes. Iniciando a explanação e diálogo da exposição com um vídeo editado e planejado com o resumo da história de resistência dos povos indígenas que habitaram o Sertão e a Serra de Santana, em âmbito regional. Após embarcar na experiência demonstrada no vídeo, os visitantes entrelaçavam-se com a experiência de visitar cada sítio arqueológico sem ser necessário sair do museu. Conforme Foto 2 é possível ver a parte inicial da exposição com uma fala introdutória e um pequeno vídeo.

³ Educação patrimonial entendida como: Trata-se de um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural. (HORTA; GRUNBERG; MONTEIRO, 1999, p. 4)

Foto 2 - Vídeo de introdução à exposição



Fonte: Acervo Museu Histórico de São Vicente, RN (2021)

A metodologia empregada na exposição com a temática indígena é a dialogada, na qual os mediadores da exposição abrem espaço para ouvir o público visitante. Dessa forma, agregam valor às pesquisas na área indígena que o museu vem desenvolvendo, pois, alguns visitantes agregam com novas informações, principalmente, sobre narrativas que compreendem seus familiares, seja a memória de um ancestral indígena, seja um novo dado sobre a presença de Luíza e seus ancestrais. O mais importante e interessante na exposição é trabalhar o manejo e o respeito com o patrimônio cultural, sobretudo, quanto ao patrimônio arqueológico, assim como o ambiental.

Desse modo, após assistirem o vídeo de abertura da exposição, os visitantes dialogam com os mediadores por meio de perguntas instigadoras, como, por exemplo, se eles sabem algum nome de grupo indígena que viveu na nossa região, também, foram indagados sobre o possível conhecimento de sítios arqueológicos em São Vicente ou na região, além de serem questionados a respeito do que pode ser encontrado em áreas de sítios arqueológicos.

Assim, os mediadores convidam os visitantes a visualizarem, no mapa, a localização de alguns sítios arqueológicos e começam a falar sobre os grupos indígenas que habitavam nossa região, bem como seus costumes, hábitos e práticas. No referido caso, os Tarairiús e os Tupi. Para exemplificar, veja a Foto 3.

Foto 3 - Percursos dos painéis expositivos



Fonte: Acervo Museu Histórico de São Vicente, RN (2021)

Nesse sentido, o percurso da exposição é mediado, ou seja, os bolsistas vão instigando a interação com o passar dos painéis dos sítios arqueológicos. O objetivo das ações do MHSV é que os visitantes realmente se sintam que estão conhecendo uma parte significativa daquele local. Assim, os mediadores vão empregando as metodologias de educação patrimonial, por meio da sensibilização sobre os cuidados que devemos ter com os locais dos sítios arqueológicos, relatar as práticas que devem ser evitadas e a maneira correta de se portar ao visitar *in loco* locais como os citados.

Por meio da exposição em questão, os visitantes são levados a pensar quais ações eles praticam ou já praticaram que envolve o cuidado com o patrimônio arqueológico e ambiental. Ao passo que, também, são levados a refletir sobre os desvios que eles ou outros seres humanos praticam e que acabam por danificar as áreas arqueológicas, como é o caso dos sítios arqueológicos com pinturas rupestres que estão danificados com marcas de batimentos de pedradas, ou outras interferências nocivas.

Dessarte, uma parte importante da exposição é quando se trata de artefatos indígenas encontrados na região, como instrumentos em pedras lascadas e polidas (mãos de pilão e machadinhas) e fragmentos de vasilhas em cerâmica.

Sendo assim, além de explicar os usos dos artefatos indígenas citados anteriormente, é realizado um diálogo com os visitantes a respeito do fato deles já terem conhecimento dos referidos e se sabiam que se tratavam de materiais arqueológicos.

Os mediadores da exposição chamam atenção para mais um pilar da educação patrimonial, o respeito aos materiais arqueológicos que são protegidos pela Constituição Federal de 1988, além de legislações específicas, mas o que é interessante são os esclarecimentos quanto ao momento de se depararem com um material arqueológico, qual conduta deve exercer, neste caso, é importante saber que deve-se deixar o achado no mesmo local e deve-se informar a um órgão competente, que pode ser os museus, em cidades que têm essas instituições, ou mesmo secretarias de cultura ou órgãos similares.

Assim, somente com os objetos analisados em contexto é possível entender mais sobre os hábitos e costumes dos determinados grupos indígenas que habitaram nossa região. Nesse sentido, quando indagados, a maioria dos visitantes respondeu que fariam a retirada do material do local e trariam para o órgão competente, por isso a importância das ações de educação patrimonial, pois a partir da visita ao museu os visitantes conseguem entender a necessidade da não retirada de objetos arqueológicos de seus locais de origem, a não ser em pesquisas arqueológicas devidamente autorizadas pelos órgãos competentes.

Neste momento do curso da exposição, os mediadores realizam uma ressalva a respeito dos materiais que estão no museu, pois são de posse dos moradores locais. Explicam que isso é possível porque muitos deles já trazem esses materiais de gerações, de suas famílias que vem passando de um para outro membro.

Os detentores da guarda do material arqueológico da referida exposição, não possuíam instrução, na época, de que não deveriam retirar do local, além disso, hoje, eles são considerados guardiões desses bens arqueológicos. Assim, tais moradores, garantiram a preservação dos artefatos. No entanto, é, mais uma vez, ressaltada a importância da educação patrimonial para explicar a essas e as futuras gerações a necessidade de salvaguarda do patrimônio arqueológicos que é um bem de todos. Veja a Foto 4 que mostra os visitantes vivenciando o diálogo sobre as peças arqueológicas.

Foto 4 - Mesas expositoras com peças arqueológicas



Fonte: Acervo Museu Histórico de São Vicente, RN (2021)

Dando continuidade, os mediadores chegam no ponto final da exposição que trilhou o caminho do pré-histórico, histórico para chegar na atualidade, na parte em que devemos ressaltar a importância indígena de nossos ancestrais que já habitavam nossas terras antes mesmo de ser chamada de Brasil. Nessa parte, é citada, inicialmente, às características da tribo Tarairiú, que se trata possivelmente do grupo de Luíza, utilizam-se de alguns desenhos do pintor Holandês Eckhout (por volta de 1640) para falar das características físicas, do ambiente em volta, fauna e flora e também de hábitos e costumes indígenas, para dar um salto na história e falar dos habitantes de hoje no município de São Vicente, RN.

Chegando ao final da exposição é possível visualizar um quadro repleto de fotografias de pessoas que vivem hoje em São Vicente (Foto 5). Nessa parte, a mensagem que repassada é, conforme o letreiro acima do quadro de fotografias “Todos e Todas Somos Luíza”, isto é, com mais ou menos aparências físicas semelhantes, não se pode negar a ancestralidade indígena, embora na contemporaneidade, viva-se em uma sociedade miscigenada, não é mais aceitável negar as origens do povo brasileiro.

Por muito tempo tentaram menosprezar os ancestrais indígenas da nação brasileira, como seres humanos inferiores, ou mesmo, tentaram “coisificá-los” e o papel dos cidadãos, na atualidade, é justamente criticar essas posturas atrasadas e preconceituosas,

buscando valorizar as origens da nação brasileira, os grupos indígenas e os hábitos e costumes que, mesmo com tantos ataques, resistiram e se perpetuam ao longo dos séculos.

Foto 5 - Todos somos Luíza



Fonte: Acervo Museu Histórico de São Vicente, RN (2021)

Dessa forma, acredita-se que um outro turismo pedagógico é possível, tendo em vista que ao invés das pessoas visitarem primeiro os locais como sítios arqueológicos sem antes terem participado de alguma ação de educação patrimonial elas terem primeiro acesso a ações de educação ou mesmo a possibilidade de visitar sítios arqueológicos por meio de representações, como é o caso do que o museu fez na exposição de Luíza, com os painéis dos sítios arqueológicos para exemplificar um tipo de visita aos sítios de dentro do próprio museu, sem necessidade das pessoas se deslocarem para os locais dos sítios arqueológicos, esse tipo de prática já ocorreu na França com a réplica gigante de uma caverna com pinturas de 35 mil anos⁴, o objetivo foi trazer a público a arte paleolítica sem que as pinturas originais pudessem correr risco de deterioração.

⁴ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150424_caverna_replica_lk

5 Conclusão

Consideramos que o presente trabalho atingiu o objetivo proposto de apresentar as principais ações do MHSV para a salvaguarda do patrimônio arqueológico contribuindo para o fomento de um outro turismo pedagógico.

Diante do que foi exposto na discussão teórica presume afirmar que a relação do patrimônio cultural com o turismo se alinha numa perspectiva de promover a preservação e a valorização dos aspectos históricos culturais, e no cerne dessa discussão, os museus emergem como um dos principais instrumentos capazes de reunir artefatos, acervos e atividades culturais e ainda se configuram como atrativos turísticos.

Dessa forma, o MHSV apresenta-se como sendo um importante meio de promoção da preservação do patrimônio arqueológico e cultural, por meio de diversas atividades e ações que são realizadas, além disso, se caracteriza como um atrativo turístico capaz de atrair turistas e visitantes, bem como, práticas de turismo pedagógico. Apresentando novas vertentes necessárias para outras possibilidades de um turismo pedagógico mais sustentável, que se preocupa com a perpetuação dos locais pré-históricos, de memórias e do patrimônio de maneira em geral para as futuras gerações, haja vista, a importância do conhecimento sobre a nossa ancestralidade.

Sendo assim, o MHSV vem se tornando uma instituição de referência na promoção de atividades educacionais na vertente da educação patrimonial, tornando-se gradativamente uma instituição pioneira e com um elevado potencial para o turismo de base comunitária. Além disso, a de considerar que o presente trabalho contribui para o avanço do debate científico, bem como, pode subsidiar futuras pesquisas que envolvem os temas em questão.

Referências

ANDRADE, J. V. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 1992.

ANSARAH, M. G. dos R. Teoria geral do turismo. *In*: ANSARAH, M. G. dos R. (org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: SENAC, 2001.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BAUER, J. E.; SOHN, A. P.; OLIVEIRA, B. S. Turismo cultural: um estudo sobre museus e internet. **Turismo: visão e ação**, v. 21, p. 291-308, 2019.

BBC. **Para proteger 'arte' de 35 mil anos, França cria réplica gigantesca de caverna.**

Brasil, 2015. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150424_caverna_replica_1k. Acesso em: 14 maio 2022.

CARVALHO, A. P. Ações educativas para o patrimônio no âmbito do IPHAN. *In*: OLIVEIRA, D. L. (org.). **Educação patrimonial: estudos sobre o patrimônio histórico, artístico e cultural**. Goiânia: E&C, 2021.

CARDOSO, H. R.; GATTIBONI, M. L. S. Turismo pedagógico: uma alternativa para integração curricular. **Professare**, p. 85-110, 2015.

CHAGAS, M. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. **Revista Eletrônica do Iphan**. Dossiê Educação Patrimonial, v.1, p. 1-7, 2006.

DIAS, N. M. G.; RODRIGUES, R. A. Sítio arqueológico da Região de Valéria/AM: Educação patrimonial e turismo. *In*: FIPEP, 7., 2015, Campina Grande. **Anais [...]**. 4. ed. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em:

https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/fiped/2015/TRABALHO_EV050_MD1_SA8_ID426_19102015191543.pdf. Acesso em: 15 maio 2022.

FACCIN, C. *et al.* O turismo pedagógico como alternativa de currículo integrado: relato de experiência. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 12, n. 1, 2020.

FERNANDES, A. do R. A. **Viajar é preciso: o turismo pedagógico como instrumento de ampliação de conhecimento e desenvolvimento cultural**. Dissertação (Mestrado em Turismo) - Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

FLORÊNCIO, S. R. R. Educação patrimonial: algumas diretrizes conceituais. *In*: PINHEIRO, A. (org.). **Caderno do patrimônio cultural**. Fortaleza: Secretaria Municipal de Cultural, 2014.

GLESNE, C. **Becoming qualitative researchers: an introduction**. 5th ed. London: Pearson, 2015.

GONÇALVES, A. **Museus e turismo: que experiências? - breve reflexão ICOM Portugal**, 2009. Disponível em: www.icom-portugal.org Acesso em: 10 mar. 2022.

HORTA, M. L. P; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília, DF: Iphan, 1999.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS PORTUGAL. **Definição: museu** | ICOM, 2015. Disponível em: <http://icom-portugal.org/2015/03/19/definicao-museu/> Acesso em: 12 mar. 2022.

JAEGER, W. **Paidéia**: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

KOTLER, N.; KOTLER, P. H. **Estrategias y marketing de museos**. Barcelona: Ariel, 2018.

LOUZEIRO, F. O. S. Experimentando o conhecimento: o turismo pedagógico como ferramenta para o ensino profissional. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v.12, n.1, p. 55-66, fev./abr. 2019.

MENESES, U.T. B. de. Patrimônio cultural: dentro e fora do museu. *In*: SEMINÁRIOS DE CAPACITAÇÃO MUSEOLÓGICA, Belo Horizonte, 2004. **Anais [...]**. Belo Horizonte: ICFG, 2004.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10th ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

OMT. **Turismo Internacional**: uma perspectiva global. Porto Alegre: Bookman, 2003.

PEREIRA, J.; NASCIMENTO, I. C. Turismo pedagógico: um olhar acerca da formação do sujeito crítico por meio da prática de mediação museológica. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, v. 9, n. 2, p. 118-137, 2019.

PUJOL-TOST, L. Integrating ICT in exhibitions. **Museum Management and Curatorship**, v. 26, n. 1, p. 63-79, 2011.

SANTOS, M. C. T. M. **Encontros museológicos**: reflexões sobre a museologia, a educação e o museu. Brasília, DF: Ministério da Cultura, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2008.

VASCONCELLOS, C. de M. **Turismo e museus**. São Paulo: Aleph, 2006. Coleção ABC do Turismo.